

# UM ESTUDO DE CASO PARA A COMPREENSÃO DA INFÂNCIA RURAL

Giana Amaral Yamin- UEMS  
Roseli Rodrigues de Mello- UFScar

## Resumo

Este trabalho apresenta um Estudo de Caso que envolve crianças, famílias, educadores e líderes assentados na Agrovila PANA, localizada em Mato Grosso do Sul. A participação no Programa de Apoio Científico e Tecnológico aos Assentamentos da Reforma Agrária, experiência Piloto (CNPq 2000- 20003) permitiu a convivência com famílias rurais e trouxe inquietações a respeito de fatores que parecem estar determinando a situação de vida da infância, como: o papel da mulher, o currículo para o campo, a falta de opções de lazer, a estrutura da reforma agrária, a incerteza quanto ao futuro, dificuldades financeiras, a vocação para a terra, entre outros. Subsidiadas na teoria histórico-cultural de Vygotsky, especificamente nos conceitos de significado e sentido, objetivamos analisar que representações são veiculadas pelos diferentes atores que compõem aquele universo a fim de compreender a situação infantil e suas determinações. Para atingir os objetivos, além da observação, utilizamos as histórias de vida das famílias, de líderes e de educadores. Concomitantemente, estamos realizando estudos bibliográficos visando a compreensão histórica das concepções de infância nos diversos contextos visando uma confluência teoria-metodologia. Almejamos trazer para a comunidade uma compreensão das suas concepções, possibilitando novas ações para todos, contribuindo, principalmente, para a elaboração e avaliação de projetos a serem implantados na área da reforma agrária no Brasil.

## Abstract

This work shows a Case Study which involves children, their parents, educators and leaders settled down in the 'Agrovila PANA', located in the state of Mato Grosso do Sul. The participation in the Technological and Scientific Program for the Agrarian reform settlements, primary experience (CNPq 2000 – 2003) brought us into the daily life of the rural families and also brought some questions concerning some factors which may be determining the aspects for childhood life, such as: the woman's role, the curriculum for fieldwork, the lack of entertainment options, the agrarian reform structure, the dubiousness about the future, financial difficulties, vocation for the land, etc. We aim at analysing which representations are taken on by the many characters that make part of that universe in order to understand the situation and the determinations for the kids. Hence we base our analysis on the cultural-historical theory by Vygotsky, not to mention that we make use of some life histories of some families, leaders and educators to achieve our goals. Concomitantly, some bibliographical studies are being carried out not only aiming at a historical comprehension of the concept of childhood in a number of different contexts but it also aims at a confluence between theory and methodology. Our purpose is to try and make the community understand that both conceptions what would enable new actions and would also contribute to the elaboration and assessment of the projects to be implanted in the agrarian reform in Brazil.

Este texto apresenta a metodologia utilizada para a realização de uma pesquisa, em andamento, que tem como questão central conhecer que sentidos acerca da infância são evidenciados pelos diferentes atores de um assentamento rural localizado no Estado de Mato Grosso do Sul<sup>1</sup>. Acreditamos que pesquisar como a criança é representada enquanto ser

---

<sup>1</sup>“As representações acerca da infância elaboradas pela comunidade do Assentamento Rural PANA-MS: um estudo de caso”- Programa de Pós Graduação - Doutorado em Educação/ Universidade Federal de São Carlos.

histórico social pode contribuir significativamente para a avaliação de projetos e programas existentes na área da reforma agrária e para a reflexão de novas implementações, principalmente se for mantida a meta governamental da fixação do homem no campo, o que engloba, conseqüentemente, os filhos dos “novos” proprietários.

A afirmação de Minayo (1993) de que “(...) as *sociedades humanas existem em um determinado espaço, num determinado tempo, que os grupos sociais que as constituem são mutáveis e que tudo (...) (está) em constante dinamismo e potencialmente tudo está para ser transformado*” (p. 20) remeteu este trabalho para o estudo da criança enquanto **objeto histórico**, que procurou a contribuição de autores que esclarecessem as determinações que influenciaram os sentidos e concepções atribuídos a ela nos diferentes momentos. O sentimento de infância tem se alterado em cada época, pois está vinculado às práticas sociais, econômicas e aos interesses das classes dominantes (Kramer, 1984). Essas concepções são determinadas pelos papéis que as crianças desempenham no seu ambiente social, pela sua situação de vida, explicitando formas de educar diferenciadas e impossíveis de julgamento, mas carentes de compreensão.

Toda a pesquisa bibliográfica realizada confirmou que as relações das crianças com o mundo, inclusive daquelas que residem no assentamento PANA, são históricas e que somente a compreensão das alterações dos sentidos pessoais pode direcionar o significado que este trabalho pretende captar, justificando a utilização do referencial teórico vigotskiano por respeitar e considerar os sujeitos envolvidos como históricos. Reconhecemos na teoria histórico-cultural, especificamente nos estudos de Luria (1987) e Leontiev (1978), e suas pesquisas acerca dos conceitos de sentido e significado, o caminho que considerará e respeitará as especificidades observadas e que possibilitará uma análise dos sentido, abarcando suas determinações.

Luria (1987), analisando o processo de generalização ocasionado pelo significado da palavra resgatou o conceito de sentido como o significado de uma palavra ligado às experiências pessoas como fundamental para a compreensão dos motivos e intenções pessoas a que se relacionam. Para Leontiev (1978), o esclarecimento do sentido é possível se encontrarmos o motivo que corresponde à ação, que é sempre criado pelas relações objetivas que estabelecem entre os homens. Com este referencial almejamos conhecer como as especificidades das famílias assentadas e a apropriação das diferentes culturas no processo de educação das crianças resultam na construção de identidades diferenciadas sobre a infância. Nos assentamentos rurais, por exemplo, encontramos crianças estudantes e trabalhadoras; crianças vindas de contextos urbanos e rurais; crianças pertencentes a famílias estruturadas financeiramente e aquelas que produzem seu sustento. Essa diversidade de condições destina formas de ver/sentir/tratar os pequenos, algumas “julgadas” impróprias, porém perfeitamente compreensíveis se inseridas em um contexto.

Também evidenciamos outros fatores que estão contribuindo para essas determinações, como o papel da mulher e da escola, a falta de opções de lazer, a estrutura da reforma agrária, a incerteza quanto ao futuro, dificuldades financeiras e a inexperiência com a terra. Diante disso, as respostas a nossas indagações estão sendo obtidas mediante a realização de um estudo de caso por estarem relacionadas a algumas das características apontadas por Ludke & André (1986), André (1992): a intenção de descoberta; a concepção do conhecimento como algo em construção; a ênfase no contexto; o desvelar da realidade; a utilização de uma variedade de informações, entre outras, envolvendo os atores da comunidade do assentamento escolhido: líderes, famílias, professores, crianças e jovens.

Acreditamos na possibilidade de relacionar o referencial metodológico deste projeto aos estudos de pesquisadores que utilizam a fonte oral para a compreensão da realidade. Assim como Vigotski, Ferraroti, acredita que o indivíduo não apenas reflete o social, mas se apropria, é mediado por ele e o reinventa (apud Barros & Silva, 2002). Meihy alerta que a história oral “(...) *está atenta à inserção do indivíduo na sociedade (...)*” (1996 a, p. 66). Podemos citar, ainda, outras pesquisadoras que compartilham dessa preocupação: Queiroz (1994) e Camargo (1994), que postulam que a reconstrução da realidade e não sua simples retratação e, finalmente, Lang

---

(1996), que procura, a partir do indivíduo e de sua realidade vivida, “(...) *apreender as relações sociais em que se insere essa dinâmica*”.

Existem controvérsias para a definição do trabalho de pesquisa com a História Oral, todas relacionadas à história do desenvolvimento de sua metodologia e às áreas com que se relaciona. Parece que os consensos sobre esse aspecto se limitam essencialmente a compreendê-la como um trabalho de pesquisa, resultante de um projeto, que utiliza fontes orais como base para a construção de uma documentação a partir de entrevistas interativas. A socióloga Lang (1996) aponta que a HO não deve ser considerada apenas como uma técnica, mas como parte de um método biográfico, baseada na reconstrução da memória “(...) *capaz de captar a face interna da experiência humana, os seus aspectos vividos e (...) apreender as relações que dizem respeito ao grupo, ou à sociedade*” (p. 44). Na mesma área de atuação, Queiroz (1988) a define como uma possibilidade de obtenção de relatos não registrados por outra fonte e como complementação de documentos, capaz de captar experiências, tradições, mitos, crenças, entre outros.

Camargo (1994) não a considera uma disciplina, nem tampouco como história, que, segundo seu ponto de vista, são equívocos etimológicos que provocaram discussões acerca de sua operacionalização. A estudiosa a define como técnica, pela possibilidade de usar o gravador como instrumento, e como fonte, que, como qualquer outra, é inicialmente privada de objetividade, merecendo desconfiança. Meihy (1996 a) evidencia-a como um recurso comprometido socialmente que estuda as experiências das pessoas.

Diante de tantas definições apresentadas por áreas diversas, gostaríamos de ressaltar que este trabalho acredita que, entre outros objetivos, as pesquisas com a História Oral oferecem “(...) *uma rica evidência sobre os verdadeiros significados subjetivos ou pessoais, de eventos passados*” (Thomson, 2000, p. 51). Sendo assim, esta opção metodológica foi selecionada como fonte e técnica desta intervenção, por ser considerada capaz de perceber as categorias reais que se relacionam com a realidade das crianças e de suas famílias.

Assim como existem várias definições acerca do conceito de HO, a leituras evidenciam o convívio de múltiplas interpretações sobre os procedimentos para a operacionalização da pesquisa nessa área. Sendo um termo abrangente, é classificado pelos estudiosos em gêneros com peculiaridades que delimitam diferentes ações e preocupações no ato de pesquisar. Mas, ao compararmos suas intenções, encontramos pontos comuns que são diferenciados pelas concepções e por orientações quanto ao tratamento dos dados. Podemos perceber que o trabalho com a HISTÓRIA ORAL DE VIDA está presente em todas as classificações de autores consultados que adotaram a metodologia de pesquisa com fontes orais: Queiroz (1988), por exemplo, o considera como uma narrativa espontânea, com mínima interferência do pesquisador, que demanda longo tempo por objetivar a reconstrução dos acontecimentos em um processo de coleta de dados que se desenvolve a partir de decisões do narrador. Nesse processo, toda informação é considerada importante para análise. Essa mesma classificação é utilizada por Lang (1996), que, neste gênero de pesquisa, objetiva desvendar as relações sociais nas quais pertence o entrevistado por meio de narrações acerca da sua existência. Na mesma perspectiva, interessando-se pelo depoimento total, o historiador Meihy (1996 ab) trabalha com a narrativa livre do conjunto da experiência do indivíduo retratando a experiência social com ajuda de perguntas amplas e espaçadas.

Apesar de utilizar nomenclaturas variadas, a segunda classificação do trabalho com a história oral está relacionada ao desenvolvimento de pesquisas que esclareçam temas específicos, que se diferenciam por vários aspectos, entre eles a curta duração e o interesse por um único assunto. Queiroz (1988) denomina essa forma de DEPOIMENTOS, no qual a entrevista é dirigida pelo pesquisador para atingir seu objetivo central, permitindo interferências. Baseada na reconstrução da memória, gerando documentos constitutivos de um método biográfico “(...) *evocando um passado visto pela perspectiva do presente e marcado pelo social, presente a questões da memória individual e coletiva*” Lang (1996, p. 35) denomina esse gênero de RELATO ORAL DE VIDA. Nesse caso, apesar de ter liberdade para expor suas idéias, o entrevistado sabe qual é o interesse do pesquisador e direciona sua fala a esse fim. Já o historiador Meihy (1996 a) classifica essa forma de pesquisa como HISTÓRIA ORAL

TEMÁTICA, por buscar desvendar um tema central a partir da verdade de quem está presenciando um acontecimento, permitindo o diálogo e a discussão com o narrador.

A última classificação do trabalho com a fonte oral almeja desvendar informações sobre situações experienciadas por indivíduos, incluídas mitos e tradições ocorridos no passado. Para essa perspectiva de estudo, a socióloga Lang (1996) utiliza a nomenclatura DEPOIMENTOS ORAIS, por desvendar informações, testemunhos sobre situações/ participações do entrevistado em instituições ou mesmo para estudar tradições em tipos particulares de depoimentos. Já Meihy (1996 a) classifica esse gênero como sendo um trabalho de TRADIÇÃO ORAL, que pesquisa a permanência de mitos e a visão de mundo de comunidades num passado longínquo.

As semelhanças em relação aos gêneros de utilização da fonte oral parecem se esgotar nesta breve classificação. Como já abordei, o que realmente diferencia e caracteriza um trabalho são as especificidades das orientações metodológicas e as concepções que direcionam cada pesquisa. Queiroz (1988) compactua com esta premissa ao revelar que as técnicas escolhidas são consequência da forma de agir do pesquisador, que pode, por exemplo, centralizar seu enfoque de análise no indivíduo ou buscar nele as marcas sociais que o determinam, como postulam a psicologia e a sociologia respectivamente.

Visando orientar investigações na área, o historiador Meihy (1996 a b) elaborou um manual detalhado que reflete sobre a especificidade da coleta, da organização e da análise dos dados. Define a realização das entrevistas como apenas um dos passos, intercalado entre os momentos da pré-entrevista e a pós-entrevista, considerando-a como uma relação comprometida e compartilhada. Nessa parceria, o colaborador, como é denominado o informante, além de participar, opina sobre a organização das etapas de transcrição e revisão do texto e autoriza a publicação e divulgação dos resultados. Demartini (1999) enfoca a importância da entrevista ser realizada pelo próprio pesquisador, pois os relatos que se desenvolvem da relação autor-colaborador são ricos em subjetividades.

A realização das entrevistas também é enfocada diferentemente pelos estudiosos. Apresentando passos para sua operacionalização, o historiador Meihy (1996 a) define fases que contemplam a colaboração do informante em todos os momentos. Acreditando na importância da realização da transcrição imediata, Demartini (1999,1988) alerta sobre a incapacidade de reconstituição da riqueza do discurso falado e atribui essa incumbência ao pesquisador. Ressalta, ainda, que apesar das precauções, as transcrições não reproduzem fielmente as memórias faladas e são transformadas em um novo material. Diante disso, o pesquisador trabalha com dois tipos de memória: a falada e o material escrito, com características próprias. O enfoque diferenciado estabelecido pela pesquisadora **Lang** (1998) está no seu interesse pela análise das relações sociais que circundam o mundo do informante e por acentuar a utilização do método crítico dialético em todas as etapas da pesquisa.

## O ESPAÇO DA INVESTIGAÇÃO:

Diante de tais considerações, os sentidos a serem desvendados acerca da infância rural deste estudo estão relacionadas à comunidade do Assentamento PANA (Programa de Assentamento Nova Alvorada do Sul), criado como resultado das lutas de resistências e ocupações de terra de um grupo de acampados liderados pela CPT. Localizado no município de Nova Alvorada do Sul- MS, é composto de 201 lotes que têm na pecuária leiteira a sua principal atividade econômica. Como já possui sete anos de existência, o comércio da Agrovila está em desenvolvimento. Já foram abertos alguns bares, mercearias ampliando a participação das mulheres e exigindo algumas medidas paliativas. Para que possam trabalhar, algumas pagam para que outras cuidem de seus filhos. Outras levam as crianças para o ambiente de trabalho. Por outro lado, existem menores sem companhia adulta, ocasionando preocupações. Diante disso, os moradores reivindicam a implantação de uma creche que favoreça a participação feminina nos serviços externos, no trabalho rural e nas aulas de artesanato.

Vinculada à Secretaria Municipal de Nova Alvorada do Sul, a **escola** oferece o ensino fundamental e médio. Devido à distância, existem dificuldades para a participação dos seus professores nas atividades com a equipe da Secretaria, isolando-os no assentamento. A escola ainda atende crianças pré-escolares, entre 05 e 06 anos de idade, mas não supre a demanda. Em

casa, elas participam das atividades domésticas, como auxílio à ordenha, ao trato dos animais, muitas vezes ligadas à produção do sustento familiar, algumas delas são imprescindíveis à sua família. A comunidade também está encontrando dificuldades para lidar com crianças e jovens. A escola considera seu currículo inadequado e causador de desinteresse pelos estudos e pelo campo. Pais alegam estar decepcionados com educadores por impedirem a discussão sobre as questões agrárias em sala de aula. Têm medo do êxodo rural, de que seus filhos esqueçam sua história, que tenham vergonha de sua origem.

As dificuldades financeiras encontradas por algumas famílias (desarticulação para a produção e a comercialização de produtos, o desconhecimento da lida rural) e a ausência de uma agricultura familiar nos lotes estão desestabilizando a sua subsistência e podem estar influenciando o que se compreende por infância e o que se espera dela. A implantação de um sistema de cooperativas poderia viabilizar estratégias para a superação de alguns problemas, no entanto encontra resistência por parte da comunidade para a sua organização. Essa recusa pelo trabalho coletivo pode ser explicada como um receio das famílias em perderem sua autonomia (Vianna, 1994) e também dificultada pela necessidade de convivência com certas regras e com a divisão dos trabalhos, exigida pela atividade coletiva (Fabrini, 2001). Pensamos que as novas necessidades impostas à mulher e as dificuldades econômicas dos pecuaristas podem, ainda, estar diferenciando a forma de criação entre meninos e meninas, a distribuição das tarefas no lar e na lavoura acentuando (ou não) uma forma de diferenciação ou exclusão.

A convivência prévia na Agrovila permitiu a constatação de que existem na região 04 tipos de famílias:

- Famílias que participaram do movimento inicial (acampamento);
- Famílias que compraram sua propriedade após a efetivação da desapropriação (compradores);
- Pessoas que estão de passagem no local;
- Filhos adultos de moradores assentados que atualmente já estão inseridos em um movimento próximo a espera de seu terreno (acampados no Acampamento São João).

Diante disso, para este estudo de caso selecionamos famílias compatíveis com esses critérios, representando os segmentos da comunidade. Importante ressaltar que procuramos contemplar situações financeiras diferentes. Além disso, entrevistaremos os professores e representantes da Comissão Pastoral da Terra. Os sujeitos selecionados apresentam relações diferenciadas, porém, relacionadas com a criança da região, sendo produto e produtores de sentidos diversos sobre ela. Familiares e lideranças serão ouvidos para a compreensão de suas experiências e situações históricas diversas. A escola é considerada ponto fundamental. Conhecer os educadores rurais, o significado das suas experiências no processo de luta pela terra, a sua relação com a comunidade, como percebem seu papel frente à infância no campo revelará o que orienta seu trabalho docente e sua concepção de infância.

#### **DELINEANDO ALGUMAS CONCLUSÕES:**

Como vimos, os estudiosos que subsidiam este trabalho acreditam na fonte oral como possibilitadora de fazer história e compactuam da posição de que sua realização deve extrapolar a simples aplicação de entrevistas comumente utilizada pela pesquisa qualitativa, podendo ser realizada de várias formas que são diferenciadas por concepções teóricas e especificidades no ato de coleta e análise dos dados. Na posição de **Lang**, por exemplo, o que diferencia a HO de outros procedimentos são a análise e a reflexão constantes, provocando contínuas modificações no percurso do trabalho. Além disso, considera a técnica como reveladora das relações do indivíduo com o grupo onde vive e atua. Já o historiador **Meihy** enfatiza a realização de um projeto sólido que embase o pesquisador metodologicamente. Para isso, elaborou passos básicos para sua utilização remetendo um sentido humanizador às ciências sociais mediante A partir de um trabalho que valorize o depoente como colaborador interativo. Além disso, as experiências demonstram a busca constante por caminhos durante o percurso. Não há o esboço um roteiro fechado, que não necessitasse alterações. Ao contrário, parece que as reflexões acompanharam todas as investigações, redesenhando o projeto original, muitas vezes com soluções inesperadas.

Essa incerteza e esse leque de possibilidades que o trabalho com a fonte oral proporciona ao pesquisador são retratados por **Demartini**:

(...) o trabalho com memórias obtidas a partir de histórias de vida é, para o pesquisador, uma experiência de trabalho inestimável; permite um enriquecimento teórico que decorre do envolvimento e questionamento contínuo neste processo de pesquisa, ao colocar em questão, a cada instante, o referencial teórico do qual parte e a própria forma como faz ciência, e ao sobrepor, a todo o instante, as várias etapas de pesquisa- o pesquisador está, (...) inovando o seu referencial teórico e a sua técnica de pesquisa; ele lida. Desde o início, com o geral e com o particular, na medida em que cada história de vida é um todo que se lhe apresenta (1988, p. 70).

A história Oral permite o acesso a uma realidade que é contada pelo narrador. “*Trata-se de apreender o vivido e o social, o sujeito e suas práticas na maneira pela qual ele negocia as condições sociais que lhe são particulares*” (Barros & Silva, 2002, p. 136). A grande riqueza deste trabalho de pesquisa, portanto, está em compreender a vida das crianças moradoras de um assentamento rural através da apreensão dos sentidos dos sujeitos que participam do seu cotidiano, da sua experiência, que apesar de ser coletiva, é única.

Atualmente os oralistas já reconhecem que não há uma forma única para fazer História Oral e sabem que é inviável a imposição de regras para legitimar a sua operacionalização (Thomson, 2000). Se concebermos a entrevista como “(...) *uma relação que se insere em práticas culturais particulares e que é informada por relações e sistemas de comunicação específicos*” (ibid, p. 48) devemos estar atentos para as nuances culturais onde ela está sendo realizada, respeitando as especificidades. Parece que Barros & Silva (2002) compactuam com esse ponto de vista, pois reiteram que no trabalho com a HO a “(...) *as questões metodológicas devem seguir as pesquisas e não lhes preceder. (...) não existe um modus operandi preconcebido. É na especificidade de cada história que vamos encontrar a via a seguir, o modo de trabalhar*” (p. 141). Respaladas neste raciocínio, percebemos que o estabelecimento de um referencial metodológico único para direcionar este trabalho seria inviável e não recomendável, pois resultaria em um processo rotulado, sem opções para reflexões e alterações, inadequado para as concepções que o direcionam. O estudo das correntes metodológicas consolidadas no Brasil, somado à especificidade desta investigação exigiu, portanto, que encontrássemos nosso próprio caminho.

Assim, como almejamos investigar os sentidos (verdades) de uma comunidade sobre um determinado assunto, optamos pela realização de um trabalho equivalente ao enfoque da História Oral Temática (Meihsy, 1996 a b) ou, como define Lang (1998), do Relato Oral de vida, por compactuarmos das mesmas preocupações, sendo considerada uma opção metodológica viável por partir de um assunto específico, que denominamos de RELATOS TEMÁTICOS, que foram utilizados na medida em que solicitávamos aos nossos colaboradores que refletissem e comentassem sobre a sua situação de vida antes/ depois de assentados, passando, gradativamente, a compreender a situação da infância local daquele contexto.

Ao contrário dos autores que apresentam equivalente preocupação, é importante frisar que nesta pesquisa os informantes não tinham conhecimento da temática a ser investigada e que a interferência do pesquisador nas narrativas ocorriam somente quando necessário para esclarecimento de algo, sem jamais interromper ou redirecionar as falas (Meihsy, 1996 a, Lang, 1998. Queiroz, 1996). Em relação ao tratamento dos dados - especificamente sobre como agir durante as fases de entrevista, transcrição – optamos por seguir as orientações, tão bem detalhadas, do historiador Meihsy (1996 a b), exceto algumas especificidades que exigiram alterações. Mas, ressaltamos que se tratando da análise dos dados, da visão do objeto de estudo, este trabalho, desde sua elaboração inicial sempre acreditou nas orientações da vertente sociológica, por estarem consonância com o referencial teórico da psicologia materialista, adotada como referência maior.

Considerando a coleta de dados como um processo cumulativo, que se organiza no percurso, este trabalho utilizou a entrevista “*estimulada*”, por permitir o aprofundamento de temas, adequado para o desenvolvimento dos relatos temáticos. Como os projetos ligados à

história oral devem ter uma pergunta de corte que marca a identidade dos pesquisadores (Meihy, 1996 a), as entrevistas foram norteadas por alguns eixos, que no seu desenrolar se desmembraram em outras questões:

- A - O período de acampamento e a posse das terras;
- B – A situação de vida/antes e depois do trabalho no campo;
- C - A infância no/do assentamento;
- D - A escola do assentamento;
- E – Relações Familiares e a vida no campo;
- F – Perspectivas quanto ao futuro dos filhos/crianças.

A análise dos dados considerará a fala dos atores no seu ambiente, respeitando o contexto sócio-histórico- econômico, abrangendo todos os fatos percebidos: observações, entrevistas, condutas, análise do observado, espaço físico, condições de vida (Gomes, 1995), subsidiados em dados qualitativos e quantitativos que, segundo Minayo, se complementam, pois a "realidade abrangida por eles interage dinamicamente, excluindo qualquer dicotomia" (ibid, p. 22). Diante disso, o enfoque central estará centrado nos eixos que orientaram a realização das entrevistas enfocando o esclarecimento da temática infância, o que não significa a desconsideração dos demais acontecimentos que permearam as entrevistas (Garnica, 2002).

Além disso, como estamos trabalhando subsidiadas em um referencial metodológico voltado à compreensão das relações sociais e dos sentidos pessoais, vale ressaltar que não almejamos a comprovação ou o acréscimo de informações a pesquisas já existentes sobre a realidade rural, mas sim, " *Importa identificar, qualificar as diferentes versões sobre os fatos ou processos e explorar sua riqueza, mais do que verificar a veracidade do relato*" (Lang, 1986, p. 44), acreditando que essas revelações poderão contribuir para novos projetos a serem implantados em outras comunidades de reforma agrária.

**Palavras chaves:** Infância- reforma agrária- movimentos sociais

## **BIBLIOGRAFIA:**

- ANDRÉ. Marli. Estudo de caso: seu potencial em educação. In: *Cadernos de pesquisa*. Nº 49, v, 1984, p. 51-54.
- ARROYO. Miguel Gonzales. O significado da infância. In: *Simpósio nacional de educação infantil. Conferência Nacional de educação para todos. Anais*. Brasília: 1994.
- BARROS . Vanessa Andrade & SILVA. Lílian Rocha da. A pesquisa em história de vida. In: GOULART. Íris Barbosa (Org.). *Psicologia Organizacional e do trabalho; teoria e pesquisa e temas correlatos*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002, p. 133-146.
- BENJAMIN. César. & CALDART. Roseli. *Projeto popular e escolas do campo*. Brasília: DF, 2000, nº7 03.
- BRIOSCHI. Lucila Reis & TRIGO. Maria Helena Bueno. *Família: representação e cotidiano*. 2º série, CERU, 1989.
- CAMARGO. Aspásia. História oral e política. In. MORAES. Marieta. (Org). *História oral e multidisciplinaridade*. Rio de Janeiro: Diadorim, 1994, p. 75-100.
- DEMARTINI. Zélia de Brito. Trabalhando com relatos orais: reflexões a partir de uma trajetória de pesquisa. In: LANG. Alice Beatriz da Silva (Org.) *Reflexões sobre a pesquisa sociológica*. São Paulo: CERU, 1999, p. 33-46.
- \_\_\_\_\_. Histórias de vida na abordagem de problemas educacionais. In: SINISO. Olga de Moraes Von. *Experimentos de histórias de vida Brasil*. São Paulo: Vértice, 1988, 44-105.
- FABRINI. João Edmilson *Assentamentos de trabalhadores sem-terra: experiências de lutas no Paraná*. Marechal Rondon: LGEO, 2001.

- GARNICA. Vicente A. Marafioti. *História Oral e educação matemática: um inventário*. Faculdade de Ciências- UNESP, mimeog, 2002.
- GOMES. Nilma Lino & SILVA. Petronilha B. Gonçalves (Org) O desafio da diversidade. In: *Experiências étnico-culturais para a formação de professores*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001, p. 13-34.
- INCRA. *Programa de apoio Científico e Tecnológico aos Assentamentos da Reforma Agrária, Experiência Piloto em Mato Grosso do Sul - Pacto MS*”, mimeografado, s.d.
- KRAMER. Sonia. *A política do pré-escolar no Brasil. A arte do disfarce*. 2 ed. Rio de Janeiro: Achiamé, 1984.
- LANG. Alice B. da Silva Gordo. História oral: muitas dúvidas, poucas certezas e uma proposta. In: MEIHY. José Carlos Sebe Bom. *(Re) introduzindo a história oral no Brasil*. São Paulo: Xamã, 1996, p. 33-47.
- LEONTIEV. *O desenvolvimento do psiquismo*. Lisboa: Livros Horizonte, 1978.
- LUDKE. Menga & ANDRÉ. Marli E.D.A. *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU, 1986.
- LURIA. *Pensamento e linguagem: As últimas conferências de Luria*. São Paulo: Artes Médicas, 1987.
- MEIHY. José Carlos S. Bom. *Manual da história oral*. São Paulo: Loyola, 1996a.
- \_\_\_\_\_. *(Re) introduzindo a história oral no Brasil*. São Paulo: Xamã, 1996 b, p. 48-55.
- MINAYO. Maria Cecília de Souza. Ciência, técnica e arte: O desafio da pesquisa social. In *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. 4 ed. Petrópolis: vozes, 1995, p. 09-30.
- \_\_\_\_\_. *O desafio do conhecimento*. São Paulo: Hucitec- Abrasco, 1993.
- MIZUKAMI. et al. A reflexão sobre a ação pedagógica como estratégia de modificação da escola pública elementar numa perspectiva de formação continuada no local de trabalho. In. *ENDIPE*, Águas de Lindóia, 1998, p. 490-507.
- NETO. Otávio Cruz. A análise de dados em Pesquisa qualitativa. In. MINAYO. Maria Cecília de Souza (org.) *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. 4 ed. Petrópolis: vozes, 1995, p. 67-80.
- QUEIROZ. Maria Helena de. História, história oral e arquivos na visão de uma socióloga. In. MORAES. Marieta. (Org). *História oral e multidisciplinaridade*. Rio de Janeiro: Diadorim, 1994, p. 101-116.
- \_\_\_\_\_. Relatos orais: do “indizível” ao “dizível”. In; VON SIMON. Olga R. de Moraes (Org.). *Experimentos com histórias de vida: Itália-Brasil*. São Paulo: Vértice, 1988, p. 14-43.
- THOMSON. Alistair. Aos cinquenta anos: uma perspectiva internacional da história oral. In FERREIRA. Marieta de Moraes et al (Org). *História oral- desafios para o século XXI*. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ/Casa de Oswaldo Cruz, 2000, p. 47-66.
- VIANNA. Aurélio. Sobre o lugar dos governos estaduais em processos de reforma agrária. Considerações sobre um debate. In: MEDEIROS. *Assentamentos rurais. Uma visão multidisciplinar*. Leonilde et al. São Paulo: ABDR, 1994, (p. 119-126).

Giana Amaral Yamin

e-mail: [giana@ominformatica.com.br](mailto:giana@ominformatica.com.br)

Roseli Rodrigues de Mello

e-mail: [Roseli@power.ufscar.br](mailto:Roseli@power.ufscar.br)